

Pintura na margem da cidade

11 anos do
projeto Paredes Pinturas



Apresentação

Apresentar o trabalho de Mônica Nador no MCB nos traz outra visão sobre as diversas abordagens e intervenções em favelas, nossas cidades periféricas e informais, incluídas na programação temporária deste ano desde março. Iniciamos mostrando as intervenções do Núcleo de Aplicação da Escola da Cidade e, na seqüência, expusemos um extenso levantamento promovido pela Universidade Harvard, que em parceria com a Secretaria Municipal de Habitação, mostra diversas propostas de reurbanização nas periferias das metrópoles latino-americanas.

Em Pintura na Margem da Cidade, realizada em parceria com o Centro Cultural da Espanha em São Paulo/AECID, vemos a favela pelos olhos de uma artista que há 11 anos atua de forma consciente e comprometida com a realidade social. Destacamos a série de trabalhos que se relacionam diretamente com a cidade e suas arquiteturas do improvisado, feitas em situação de limite material urbano. Desde sua dissertação de mestrado na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, o projeto Paredes Pinturas foi uma experimentação crescente rumo a uma "arte útil", segundo sua própria definição, que sai deliberadamente da parede da galeria rumo à cidade, muitas vezes informal e conflituosa. Esta trajetória mostra aqui suas primeiras intervenções, desde o projeto Parede, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, criado pelo então curador do museu Tadeu Chiarelli, passando por lugares como Bahia, Amazônia, Vila Rhodia em São José dos Campos, objeto do trabalho de mestrado, Cuba, Tijuana no México, e São Remo e Jardim Miriam, em São Paulo.

Sua última intervenção, em Santo André, representa uma ação de maior abrangência, viabilizada pelo Jardim Miriam Arte Clube (JAMAC), em parceria com o Estado através do programa São Paulo de Cara Nova, da Secretaria de Habitação e da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Governo do Estado de São Paulo - CDHU.

Mônica pratica pinturas de parede que, executadas coletivamente, abrem espaço para manifestação artística dos habitantes, num esforço de resgatar raízes de criação isentas da contaminação da cultura de massa. A partir de oficinas de desenho extraem-se imagens desvinculadas do universo de consumo, como ícones e logos, para aplicação, com técnica de estêncil, sobre camadas de pintura em paredes que muitas vezes precisam ser recuperadas e revestidas de argamassa. Trabalho pontual que se multiplica na comunidade e promove ato criativo de seus habitantes, resgatando de forma orgânica seu senso coletivo e dignidade, é também um chamado de atenção à riqueza cultural dos cidadãos subtraídos de seu direito de morar com qualidade e planejamento. Uma revelação de alegria, desperta pela arte, em situações em que precariedade e violência predominam.

Giancarlo Latorraca
Diretor Técnico MCB

A REVOLUÇÃO COM AS CORES

No final da década de 1970, Mônica Nador morava em São José dos Campos e vinha estudar artes plásticas na FAAP, em São Paulo. Da janela do ônibus que lhe trazia à Capital observava as transformações na paisagem urbana. Viu a periferia se multiplicando na Zona Leste. Moradias precárias se amontoavam em áreas desprovidas das condições básicas de urbanidade. O olhar para aquela situação marcou para sempre sua vida. Na década seguinte ela tornou-se artista plástica conhecida e circulou no mundo das galerias. Ganhou notoriedade e reconhecimento, mas percebeu que no universo das artes não cabia a periferia que continuava a ver no caminho de casa. Reconheceu que foi formada para ser uma artista burguesa e que os museus servem apenas para guardar e, por vezes, sepultar o trabalho artístico. Decidiu então que faria arte nas ruas.

Mônica entrou na pós graduação em 1995, na ECA/USP, e naquele mesmo ano participou de uma oficina com o grafiteiro e artista plástico Cláudio Donato. Um dos grandes mestres da stencil art, Donato apresentou a técnica que permite a reprodução seriada de imagens nos muros e paredes. Era o que ela precisava. Aí começou a história que veio se desdobrar, dez anos depois no JAMAC. Aquelas inquietações que moviam seus sentimentos juvenis ao ver as favelas na janela do ônibus ganharam forma e atitude.

O trabalho com muros e fachadas de casas em comunidades de baixa renda começou com ações dentro do Programa Comunidade Solidária, em 1998, pelo qual viajou por vários estados do Brasil. Depois, na Favela São Remo, localizada atrás da USP, aprofundou sua concepção. No ano seguinte fez um importante trabalho no Assentamento Carlos Lamarca, em Itapetininga. Da aproximação com o MST surgiu um posicionamento mais ideológico. A sensibilidade com os mais pobres virou causa. Mônica não queria ser mais um artista que vai à "quebrada", faz uma ação e desaparece. Quis fazer parte da comunidade. Por isso criou o Jardim Miriam Arte Clube (JAMAC), na periferia da Zona Sul de São Paulo, e lá está há cinco anos morando e trabalhando.

O envolvimento com as pessoas é a chave principal para entender o trabalho de Mônica Nador em favelas. Ela cria sinergia, forma um grupo rapidamente e sai fazendo arte em toda parte. Com quatro jovens foi à França em 2005, apenas um ano após ter fundado sua ONG Atelier. Viajou por outros países e sempre manteve projetos na comunidade. Hoje já tem gente formada por ela que sai para o mundo. Em 2008 viu-se diante da oportunidade de sua vida. Contratada pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), passou seis meses em diversas comunidades do Jardim Santo André, periferia do ABC. Fez um trabalho exemplar em 30 casas. Levou o resultado e as pessoas que dele participaram para expor em uma badalada galeria na região da Avenida Paulista.

A experiência do Jardim Santo André continuou como política pública em 2009. E essa é a razão do entusiasmo da artista. O Estado incorporou, virou Direito. Não é mais ativismo político de uma artista. Os muitos garotos e garotas que se formaram no atelier do Jardim Santo André ajudam na ampliação do trabalho. Hoje se vê diante da tarefa de pintar 110 casas do mesmo Jardim Santo André. Ali ela fará na prática, aquilo que imaginou em devaneios há mais de 30 anos, quando via essas moradias apenas pela janela do ônibus na Rodovia Ayrton Senna. Naquele tempo pensava consigo: "um pouco de cor já mudaria". E muda mesmo. O efeito que os desenhos do JAMAC causam nos moradores das casas pintadas é muito impactante. É puro encantamento. É tudo que um artista gostaria que acontecesse com as pessoas que contemplam seu trabalho. Mônica conseguiu, faz uma revolução com as cores.

Eleilson Leite

Coordenador do Programa de Cultura da ONG Ação Educativa



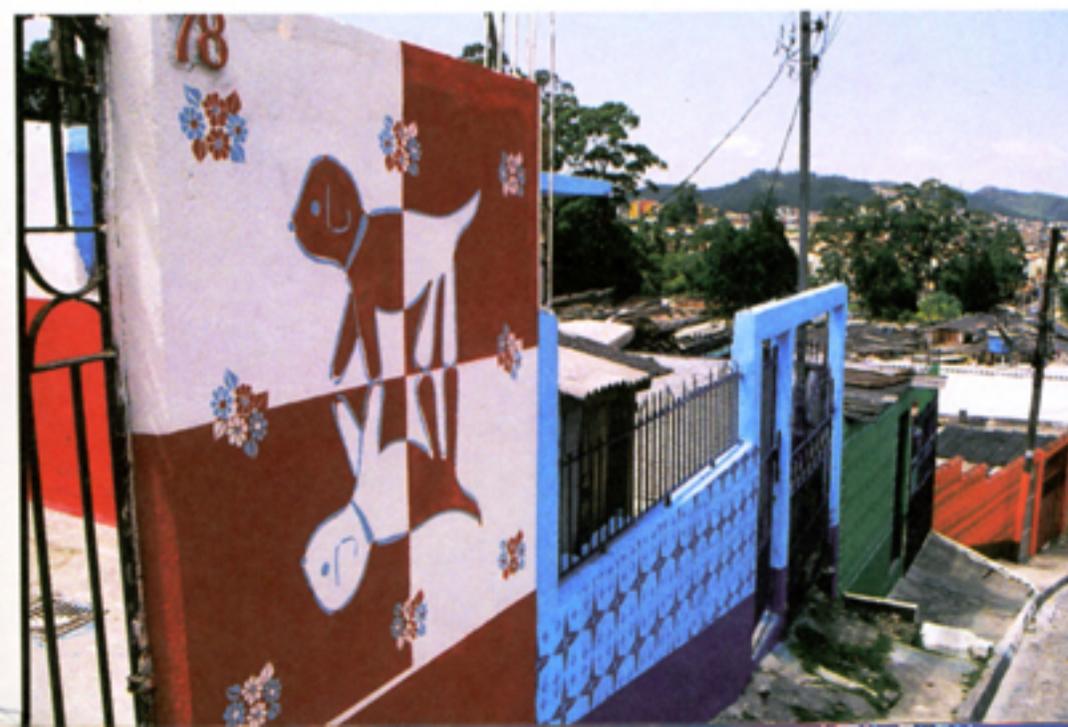
Mônica Nador e JAMAC: juntando os pontos da Arte Pública

Uma das qualidades da Arte Pública atual está em sua capacidade de instauração no concorrido espectro de informações e valores locais do trecho urbano escolhido como locus da ação. Movimento e passagem podem ser apontados como indicadores do estatuto das coisas que nos interessam no mundo contemporâneo. São também códigos presentes na atenção dispensada pelas vertentes artísticas extramuros atentas à contínua mutação da realidade local sobre a qual pretende atuar o artista. A consonância desse trabalho ao tempo e espaço dos lugares selecionados elege o fluxo como um de seus pontos constituintes mais importantes.

O Jardim Miriam Arte Clube, JAMAC, criado por Mônica Nador em 2003, é um projeto artístico contemporâneo que se estabelece tanto quanto reage às condições mutantes das megalópoles que habitamos nas últimas décadas. Interessado na condição artística extramuros o projeto tem promovido nestes últimos anos de trabalho uma mistura fina entre os moradores de bairros periféricos e a centralidade do sistema artístico atual.

Tal mobilidade é resultado da forma de trabalho encontrada por sua iniciadora, que se muda para o bairro Jardim Miriam, em São Paulo, e lá consolida as bases para a produção de sua série de Paredes Pinturas. Assim, ao mesmo tempo em que pontua a presença e a persistência investigativa sobre a localidade, Mônica se mantém conectada ao circuito de galerias que a projetou, provocando certo alargamento das bordas e das formas de ação e exposição artística. A relação urbana polifônica, característica da megalópole, é condição







É sempre um prazer para o Centro Cultural da Espanha_SP/AECID apoiar o trabalho desenvolvido pelo Jamac - Jardim Miriam Arte Clube, pois reconhecemos sua convergência para a estratégia de Cultura+Desenvolvimento da Cooperação Espanhola. O JAMAC é hoje mais do que um projeto artístico individual, é uma iniciativa da qual se apropriou a comunidade e um lugar de troca lúdica e intelectual que se desdobra em diferentes atividades (o projeto Paredes Pinturas, o Café Filosófico, o Curso de Cinema Digital...) e em diversos territórios, como o posto avançado Barracão Arte Clube/Jardim Santo André, com a intervenção Paredes Pinturas. Todo esse conjunto de ações se estabelece na direção da requalificação do espaço de convivência local para além de quaisquer muros: físicos, intelectuais ou imaginários.

Ana Tomé, diretora do Centro Cultural da Espanha em São Paulo



**Pintura
na margem
da cidade**

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador do Estado
José Serra

Secretário de Estado da Cultura
João Sayad

Secretário-Adjunto
Ronaldo Bianchi

Chefe de Gabinete
Sergio Tiezzi

Coordenadora da Unidade de Preservação
do Patrimônio Museológico
Claudinéli Moreira Ramos

MUSEU DA CASA BRASILEIRA

Conselho de Administração e Diretoria
da Organização Social

Ana Helena Curti – presidente
Marcos Cartum – vice presidente
Auresnede Pires Stephan

Jaine da Silva
Julio Abe Wakahara
Luis Felipe D'Ávila
Vasco Caldeira
Renata Cunha Bueno Mellão
Luciano Deviá
Maria Eduarda Barros de Tomasi Mellão

Diretora Geral
Miriam Lerner

Diretor Técnico
Giancarlo Latorraca

EXPOSIÇÃO

Curadoria
JAMAC/MCB

Produção
JAMAC - CCE/AECID

Apoio de produção, montagem e serviço educativo
Equipe MCB

Videos
Paredes Pintura - Jd Sto André
(Jerônimo Vilhena)

Paredes Pintura - Mestrado Mônica Nador
(Image Makers - Celso Renato Maldos)

Aqui Estamos - Tijuana - inSITE 2000
Brenna Hubbel

Co-realização
AECID - AGENCIA ESPANHOLA DE COOPERAÇÃO
INTERNACIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO

Presidente - Soraya Rodríguez Ramos
Diretora - Elena Madrazo Hegewisch
Diretor de Relações Culturais
e Científicas - Antoni Nicolau Martí

EMBAIXADA DA ESPANHA NO BRASIL

Embaixador - Carlos Alonso Zaldivar
Ministro Conselheiro - Juan José Buitrago de Benito
Conselheiro de Cultura e Cooperação - Rafael de Górgolas

CENTRO CULTURAL DA ESPANHA EM SÃO PAULO

Diretora - Ana Tomé Diaz
Produção - Regina Calia

Projeto gráfico - Folder
Adriana Guimarães e Giorgia Setti

Agradecimentos
Companhia de Desenvolvimento
Habitacional e Urbano - CDHU
Viviane Frost
Galeria Vermelho

Idealização:

JAMAC
jardim miriam arte clube

Co-realização:



CENTRO CULTURAL
DA ESPANHA - SP

Realização:



**GOVERNO DE
SÃO PAULO**

www.jamac.org.br



**MUSEU
DA CASA
BRASILEIRA**